



AVENÇA

VILA VERDE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALÍVIO

Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração: Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA

VISADO PELA CENSURA

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA



Apontamento

Conhece Coimbra?

Jardim com calendário e brasões

Não pretendo através deste modesto apontamento, falar detalhadamente de Coimbra—das suas belezas ou das suas tradições que são do conhecimento geral e que já fizeram correr rios de tinta. Pretendo sómente traçar ao de leve um pequeno esboço das coisas mais conhecidas, como gato que passa por cima de brasas, fazendo, sem pretensões, sobressair outras de menor monta mas que pela sua singeleza e originalidade mais me impressionaram quando as observei. E assim, procurarei contá-las com o mesmo carinho e entusiasmo que as vi e senti.

Antes de mais nada importa dizer que, ir a Coimbra e não visitar a Velha Universidade, o Penedo da Saudade e os seus tão belos jardins, entre eles o Botânico, o da Sereia, os da Portagem e o do Parque, é o mesmo que a Roma... como se diz-se.

O turista que visita Coimbra pela primeira vez (na generalidade) procura logo conhecer o Penedo da Saudade sem se importar de início com mais nada.

Vê-se junto do «Penedo»: em seu redor estão presentes tantos poetas portugueses de todos os tempos. Estão ali imortalizados e recebem-no a recitar os seus tão dolentes poemas que cantam a cidade do Mondego. Ficou expresso, numa nota viva de estranha melancolia, um pouco daqueles cantares, da sua juventude e da sua vida académica, nessas estrofes dispersas e naquele místico penedo cheio de tradições, que mais parece um larário da Poesia, das musas, que um vulgar rochedo carcomido pelo rodar constante dos ventos, mas a arfar como que dentro dele palpitasse os corações magoados desses poetas que ali se prostraram contemplativos com os olhos postos em êxtase no firmamento, sob o olhar indiscreto da Lua refulgente de prata... e talvez ciumenta de amores.

Em derredor do «Penedo» estão colocados em pequenos rochedos enfeitados de hera e musgo verdíssimo, inúmeras lápides inscritas com odes e sonetos tão cantantes e maviosos como baladas de amor, que mostram bem o estado de espírito dos seus autores e o que para eles representava Coimbra.

O turista tira fotografias e lê uma por uma todas as lápides ali existentes: pensa e medita a cada passo, e por vezes sente-se um daqueles evocados naquelas pedras, através dos sonetos lá inscritos. Compartilha na sua dor, melancolia e saudade—ama Coimbra. Depois de banda dali apreensivo como se se despedisse de pessoa muito querida. Olha para trás: parece-lhe que alguém se despede de si, acenando com um lenço branco. Custa-lhe imenso a despedida de tão aprasível lugar.

Desce ao «Botânico». Ali se detem por largo tempo. Tira mais fotografias e para constantemente para «ler» naquele precioso livro aberto de botânica... e de vida académica também, pois vaguizam por ali alguns estudantes a deambular, procurando matar o tempo, enquanto que outros estudam.

Depois de visitar a Universidade e «Portugal dos Pequeninos», em seguida, certamente, recolhe a algum hotel ou segue viagem convecido de que ficou a conhecer bem a «Cidade dos Doutores».

(Continua na 3.ª pág.)

Novo Delegado

da Comarca de Vila Verde

Na passada 4.ª feira, pelas 12,30 h. tomou posse do seu cargo no salão de actos do Tribunal de Vila Verde o novo delegado Senhor Dr. Flávio Martins de Sousa que veio da comarca de Cabeceiras de Basto.

Leu o acto de posse do Senhor Soares, funcionário do Tribunal.

Em seguida o Sr. Dr. Manuel Alves Peixoto, meretíssimo Juiz da Comarca dirigiu algumas palavras de saudação ao novo magistrado, recordando as virtudes do empossado que já deu provas da sua brilhante inteligência e por isso mesmo vem trabalhar agora numa comarca que se pode considerar difícil, mas onde conquistará novos triunfos ao serviço da Justiça e da verdade sendo apenas necessário os seus dotes de inteligência e coração.

O Sr. Dr. Flávio de Sousa agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas, e prometeu trabalhar recordando o pleiade magistrados que nos últimos anos passaram por esta Comarca. Uma grande salva de palmas coroou as últimas palavras do Senhor Dr. Delegado e seguiram-se os cumprimentos das individualidades presentes:

Ex.mos Senhores: Dr. António dos Santos Ferreira, Presidente da Câmara, Secretário da Câmara, Dr. Lamertine Dias, Dr. Mota Lopes, Dr. Aires Martins, Dr. Augusto Silva, Dr. António Costa, Dr. Aristides, Dr. Amélio Cunha, Dr. Sá Carneiro, funcionários administrativos, pessoas de Amares, Taipas, Braga e numeroso grupo de Cabeceiras de Basto, etc.

Ao novo Delegado desejamos as maiores felicidades.

Novos benefícios para os trabalhadores

A organização corporativa portuguesa não constitui uma máquina burocrática estagnada; é, pelo contrário, um movimento que evolui e se aperfeiçoa dia a dia, abrangendo toda a vida nacional, oferecendo-lhe o interesse que caracteriza toda a actividade social, sempre carecendo de reajustamentos oportunos e até de novas soluções.

A actividade do Ministério das Corporações reveste-se, portanto, de particularidades que ultrapassam as meras rotinas dos afazeres de Secretaria, para constituir, antes, um Departamento do Estado sempre atento e vigilante aos problemas inerentes aos patrões e trabalhadores, que se apresentam através dos respectivos organismos.

Do constante contacto entre o Ministro daquela pasta e os dirigentes corporativos resulta um conhecimento mais directo dos assuntos afectos a cada sector de actividade, proporcionando-lhes uma mais rápida e eficaz solução, que se traduz em maiores benefícios para as classes abrangidas.

Ainda há dias estiveram no gabinete do Sr. Dr. Veiga de Macedo os dirigentes da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Cerâmica e Ofícios Correlativos, a fim de agradecerem àquele membro do Governo a recente criação das corporações, medida que — segundo declarou o presidente daquele organismo — consideram de excepcional importância para todos aqueles que ao trabalho dão o melhor do seu esforço e dele tiram o pão de cada dia.

Ao concluir o seu discurso este dirigente corporativo afirmou que os diri-

gentes sindicais querem «ser colaboradores, embora humildes, do Senhor Presidente do Conselho. Para tão iminentes português, guia e inspirador da grande obra de ressurgimento nacional, vão as nossas mais respeitadas e afectuosas homenagens».

Ao retribuir os cumprimentos, o sr. Ministro das Corporações frisou que «desde a primeira hora, a Revolução Corporativa tem encontrado nos representantes dos trabalhadores portugueses uma compreensão actuante e um entusiasmo consciente, dignos de serem apontados como exemplo a seguir».

O Sr. Dr. Veiga de Macedo, depois de dizer que os problemas de carácter social se desdobram progressivamente em novos aspectos, acrescentou:

«De acordo com o que, no ano findo, anunciei, serão em breve alargados os benefícios do seguro-doença ao internamento hospitalar em cirurgia geral. Espero, na verdade, subscrever numa das próximas semanas o diploma legal que assegurará a conveniente protecção aos trabalhadores que tenham de ser internados para efeito de operações cirúrgicas. Desta forma, cooperar-se-á também com a organização hospitalar e concorrer-se-á, por certo, para a melhoria do nível de saúde da população.»

Está à venda a velha tribuna do Alívio bem como as galerias da capela-mor, tudo em madeira de castanho e em bom estado de conservação.

Exortação

Ó castanheiros velhinhos
fustigados pelos ventos.
Sois a sombra dos caminhos.
A envolver doces lamentos!

O castanheiros velhinhos
De candeias em flor.
Sois tão velhos, tão velhinhos,
mais velhos que a minha dor!

O castanheiros velhinhos
Cuja vida é uma saudade,
Relembrando aos teus filhinhos
Uma quase imensidade!

Ó castanheiros velhinhos
Que lembrais a minha avó
Com seus cabelos branquinhos,
Branquinhos, duma cor só!

O castanheiros velhinhos
Que secular tradição
Vossos ramos, tão verdinhos,
São versos de uma canção!

Sois o passado, o presente,
E quem sabe?... — coitadinhos —
O futuro leito quente
Dos meus vindouros netinhos!

Levai na vossa ansiedade.
Meus sofrimentos daninhos.
Dar-vos-ei minha saudade,
castanheiros velhinhos!

Prado, 11-2-58.

GOTA D'ORVALHO

Pela Administração

Novos assinantes

Recebemos por intermédio do nosso amigo Alvaro Félix de Araújo, ausente no Brasil, as seguintes novas assinaturas de Vila verdenses também ausentes no Brasil:

Armando da Silva Costa, de Sande; Abel Mota da Silva, José Sousa da Costa e João Luís Pimenta, também naturais de Sande; e Ernesto Valério Moniz, natural dos Açores.

Pagaram a sua assinatura os Ex.ªs Senhores:

De 19-3-59 a 19-3-60: Manuel Ferraz Peixoto, de Prado.

De 1-58 a 1-59: Professor Abel Augusto de Matos Meireles, de Paços de Ferreira.

De 2-58 a 2-59: Angelo de Oliveira Costa, do Porto.

De 19-3-58 a 19-3-59: Francisco Vieira, José de Sousa Ferreira, José Maria Fernandes e António Lopes Ferraz, de Prado; Manuel Dias da Costa, de Moçambique; Agostinho Pimenta, de Lisboa; e P. João António Alberto de Araújo, Pároco de Mós.

De 9-6-58 a 9-6-59: Manuel Joaquim da Silva Vaz, de Prado.

De 19-3-57 a 19-3-58: Bento da Silva Vaz, ausente nos Açores; Patrício Gomes Ferraz, Manuel Fernandes da Rocha, José Rodrigues Peixoto e João Gomes, de Prado; Francisco José da Costa, de Duas Igrejas; Augusto Gomes, de Vila Verde; Martinho Rodrigues, ausente no Brasil; e D. Rosa do Cravo da Fonseca, também ausente no Brasil.

De 4-57 a 4-58: Rodrigo António Pereira da Cunha, de Moure; e Joaquim Sequeira, de Prado.

De 9-57 a 9-58: Domingos Alves Balugães, de Prado.

De 10-57 a 10-58: Luis Manuel da Rocha Fernandes, de Prado.

De 19-3-56 a 19-3-57: Américo Gonçalves Ribeiro, de Moure.

De 1-XII-56 a 1-XII-57: David da Silva Bastos, de Prado.

A todos o nosso sincero reconhecimento.

Santuário de Nossa Senhora do Alívio

Devido ao mau tempo que esteve durante o mês de Março foi mais reduzido o número de devotos de Nossa Senhora do Alívio que aqui estiveram a cumprir as suas promessas, vindos do Porto, Famalicão, Riba d'Ave, Pevidém, Guimarães, Taipas, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro, Amares, Braga, Barcelos, Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Barca, Póvoa de Varzim, Matosinhos, Vila do Conde, Melgaço, Portela do Vade e S. Pedro de Valbom.

O REITOR

Os caminhos de Deus

Se caminhar para Deus é caminhar para a vida eterna, são os caminhos de Deus caminhos de felicidade, pois que só em Deus a felicidade abunda, só em Deus a felicidade existe.

Deus é Luz, Deus é Verdade, Deus é vida. Em Deus está o princípio, em Deus está o fim. Só Deus pode contar os nossos dias, assim como conta as nossas obras sem omissão, quer do copo de água por seu amor dado ao pobrezinho, quer do mau pensamento ou desejo em que deixamos de deixar o espírito.

Deus é o Caminho. Segui-IO, é encontrar a Vitória; amá-IO, é amar-se a si próprio, uma vez que a vitória será daquele e só daquele que de perto O seguir, que mais de perto O amar.

O caminho de Deus é o caminho da Verdade, da Justiça, do Amor. Pela verdade seremos filhos de Deus. Pela Justiça seremos semelhantes a Deus, pelo amor seremos obra das mãos de Deus.

Verdade, Justiça, Amor! Trindade inconfundível, cuja sublimidade ascende às alturas, e consigo eleva o homem, transplantando-o para junto do Criador, de cujas mãos saíra.

«Laetetur cor quaerentium Dominum» (exulte de alegria o coração que procura o Senhor).

A vida não é mais que uma peregrinação, uma prova a que Deus sujeitara o homem, para nela purificar o coração, a fim de entrar no Reino das suas delícias.

É vento que passa, sino que badalou, mas cujo som se perdeu na amplitude infinita da atmosfera!

Tantos os que ontem sonharam venturas, habitaram palácios, promolgaram leis, e deles... o que resta?... a sombra vaga que se perde no prolongar da geração, nada mais! Teriam feito algo pela vida, a vida que começa após a morte? Contentar-se-iam apenas com as glórias supérfluas do mundo? Pobres dos pobres de Fé! Terrível a hora do juízo! Como amaldiçoarão as glórias do Mundo, as vaidades que usufruíram, contrastando insidiosos dos que buscam a vida para além da morte! Tudo será então desespêro, e desespêro eterno!

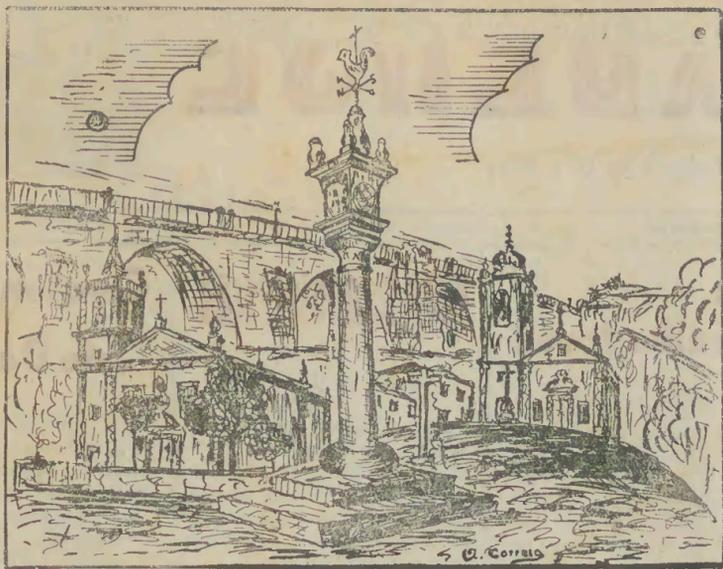
Sabe tu, ó homem que ainda habitas o solo — estágio pra vida, sabe tu preparar o caminho da felicidade, uma vez que a felicidade não é deste mundo, deste peregrinar por entre espinhos, onde as rosas são, por vezes, precipícios eternos!

Quantos de nós, que hoje raciocinamos e nos preocupamos com a vida, faremos parte dos habitantes da terra daqui por 50 anos?

Quantos que principiaram o ano, o mês, o dia, convencidos de que a vida principiara cheia de esperanças, tombaram já, colhidas pela morte?

(Continua na 2.ª pág.)

TERRAS DE PRADO



A Nova Igreja

Já alguém nos tem censurado por termos falado pouco, no jornal, a respeito de tão grande melhoramento para esta terra de Prado, como é a construção da Nova Igreja. Têm razão, meus bons amigos, a culpa tem sido minha ou, melhor direi, a culpa ninguém a quer, portanto eu também não a tenho.

Talvez ninguém mais do que eu gostará de falar de tão grandiosa Obra, que a acompanho, dia a dia. Se mais não tenho falado é para não encomodar os nossos leitores e, principalmente, atendendo ao Inverno rigoroso, que tem impedido de tantos e tantos ganharem o pão nosso de cada dia não me atrevia a pedir nada a quem, em vez de dar, precisaria de receber. Estávamos à espera do tempo que deixasse movimentar o nosso povo e assim poder juntar alguns tostões para as suas economias familiares e para mais facilmente, poder contribuir para a construção duma Obra que será o encanto de todos os filhos desta risonha Vila.

Vamos começar mas com aquela corogem que nos é peculiar, que não desanima com qualquer dificuldade. Vamos começar a falar, de alma e coração, da construção da Nova Igreja para que todos, quer presentes como ausentes, tenham conhecimento da sua realidade, da sua vantagem e das suas grandes necessidades.

Para hoje, como já estão à espera deste meu pequeno apontamento, somente quero informar a todos quantos nos lêem, do andamento das Obras e de alguns planos para um futuro próximo.

A primeira fase da Nova Igreja já está, com excepção das confrarias que apenas têm os alicerces abertos, na devida altura, pronta a receber a placa, que será o tecto da Cripta e o pavimento da Igreja propriamente dita.

Com esta notícia, muito se podem alegrar todos os pradenses que, não obstante estarem longe do seu torrão natal, ainda sentem o seu coração pulsar de saudade e amor pela terra que os viu nascer. Mas podemos perguntar: e como arranjam o dinheiro? Quando ouço tal pergunta, somente sei responder: a Obra é de Deus e Ele saberá providenciar as todas as necessidades. Nós somos apenas uns instrumentos na Sua Mão Bondosa e Onnipotente. Já entregamos 70.000\$00. Para o Salão também já dispndemos 121.000\$00 e tudo se arranja, graças a Deus. O que é preciso é nunca desanimarmos, o que não aconte-

cerá, como estamos esperanças.

Nos próximos números relataremos os nomes dos grandes benfeitores que nos ajudaram a levar a Obra ao ponto em que está e desenvolveremos os nossos planos de campanha, feitos com todo o carinho e com a educação que merecem os nossos bons amigos e própria de quem tem muitas almas a encaminhar para a bem-aventurança eterna.

Novos Cristãos

Como sempre, esta freguesia tem grande número de baptizados a registar em cada quinzena. Na presente temos os seguintes:

Em 29 de Março p.p. foi o de António Tibério, filho de José Maria Leite e de Maria do Sameiro da Silva, residentes no lugar do Carvalhal.

Foram padrinhos Manuel da Silva Correia e Rosa Martins de Barros, residentes no lugar da Vila.

Em 30 do mesmo mês, Maria Rosa, filha de Florêncio José Peixoto e de Rosá de Araújo Fernandes, residentes no lugar da Ramalha.

Foram padrinhos José Maria Fernandes e Emília de Araújo, do lugar do Portelo.

Em 2 do corrente mês de Abril, Francisco Fernando, filho de Manuel Rodrigues Tinoco e de Rosalina da Silva Cunha domiciliados do lugar de Francellos.

Foram padrinhos Francisco Zeferino da Silva Cunha e Arminda dos Anjos da Silva Cunha, residentes na vizinha freguesia da Lage.

Em 7, Ana, filha de Baltazar Gonçalves Roriz e de Joaquina da Silva Simão, do lugar de Francellos.

Foram padrinhos António José Fernandes Gomes Ferraz e Ana Domingues, também do referido lugar de Francellos.

E em 9, Joaquim José de Oliveira Soares, filho de António José Gomes Soares e de Guiomar Fernandes de Oliveira, residentes no lugar da Estrada.

Foram padrinhos o Reverendo P. Joaquim António Alves, Pároco de S. Vicente, da cidade de Braga, nosso grande amigo e prestimoso correspondente do nosso Vilaeverdense e Rosilda Fernandes de Oliveira Soares, também com a residência dos pais do menino Joaquim José de Oliveira Soares.

Aniversário Natalício

Comemorou mais um aniversário o nosso amigo José Carlos de Araújo, do lugar da Estrada.

Muito se tem dedicado à divulgação deste quinzenário, não podendo, portanto, de o felicitar e de fazermos votos para que Deus o conserve por muitos e felizes anos.

Cervães

Pio XII e o 11 de Fevereiro — Diz alguém que as correspondências desta freguesia, às vezes, até parecem escritas por um padre e que o mesmo dizem dos que daqui mandam a outros jornais: «O Vilaeverdense», «Correio do Minho», «O Póvoa de Lanhoso», etc. E um dos dias de o parecer foi o dia 12 de Fevereiro, ao referir-me no «Correio do Minho», à sua véspera, ou ao 11 de Fevereiro, primeiro centenário da primeira aparição de Nossa Senhora de Lurdes a Bernardet em 1858.

Quem leu aquele número do «Correio do Minho», deve recordar-se que eu disse que, neste ano, todos os templos em que se venera a Virgem Santíssima, sobretudo a Imaculada Conceição de Lurdes, a devem festejar. Pio XII — um mês depois, a 13 de Março, dizia quasi o mesmo, mais ou menos por estas palavras:

«Desejamos de todo o coração que as festas do Centenário se desenrolem, não só em Lurdes, aos pés da veneranda Imagem da Virgem Imaculada, mas por toda a parte onde se venera a nossa Mãe Celestial e Amantíssima.»

Aqui fica esta transcrição da «Voz da Fátima» de 13 de Março e deste lugar relembro o que eu disse primeiro e o que lembrou agora o Chefe da Igreja no mesmo sentido, e espero que este ano haja maiores ou menores festas de N. S. de Lurdes, até mesmo nas freguesias em que não se costumem fazer.

Ouvi há dias cantar, entre outros, estes lindíssimos versos, bem próprios do tempo das missões, em que se canta o «Vinde pais e vinde mães» etc.

«Ir à missa e regressar, — Sem a Jesus receber, — E assim como ir à fonte — E regressar sem beber.»

«Prometemos e juramos, — Neste venturoso dia, — Receber frequentemente, — Divina Eucaristia.»

Li quasi isto numa sacristia. Antes o queria ler em mil e um lugares públicos: — Se és educado não digas palavres! Deus não quer que calunies, que mintas, que murmures! Se queres que te respeitem e não escandalizem os teus filhos, dá bons conselhos aos filhos dos outros e ao teu próximo, etc.

Note bem: — se as palavras não eram tantas nem diziam tanto — o sentido era este pouco mais ou menos, e transcrevo isto por ser a bem da religião da Nação. — Cândido Baccilar.

Os caminhos de Deus

Continuação da 1.ª pág.

Preparai-vos para a Viagem! Preocupai-vos sim, com os negócios desta vida, mas enveredai-os todos para a outra, a vida a que nem o prolongar dos séculos porá termo — o gozo

Explicação dos sonhos

(Continuação do número anterior)

Na antiga medicina os sonhos tinham grande importância, considerando-se anunciadores de uma doença ainda não declarada. O actual corpo clínico pôs isso de parte mas registam-se algumas observações muito interessantes. Conrad Germer teve um sonho em que se julgou mordido numa perna; alguns dias depois desenvolveu-se um antraz no imaginado local da mordedura. Galien observou um homem atingido por uma paralisia de um dos lados do corpo e que alguns dias antes, em que se encontrava de perfeita saúde, sonhara que esse lado se havia transformado em pedra. Teste, médico de Luís Filipe, sonhou sofrer de uma apoplexia; três dias depois morreu com aquela doença.

Pelos sonhos também se podem descobrir certas doenças orgânicas. Algumas afecções do cérebro, caracte-

terizadas por perturbações do espírito, podem-se fazer anunciar nos sonhos de uma maneira especial. Taure conta o caso de um banqueiro que sonhou reunir uma enorme fortuna, graças a ousadas operações de êxito constante. Este sonho, depois de analisado por aquele psiquiatra, mostrou que o banqueiro ia ser afectado por uma paralisia geral. E assim aconteceu.

Mostra-nos isto que não devemos desprezar totalmente os sonhos que podem prever possíveis males e combatê-los a tempo.

Estes fenómenos são fáceis de explicar. O adormecido não pode comandar o sonho. Os órgãos que sofrem de qualquer afeição exteriorizam-no por meio de imagens, de sensações ou de ruídos.

d) — Origem das imagens dos sonhos

Este assunto é objecto de apaixonadas discussões em virtude da posição filosófica dos autores que se dedicaram à descoberta da fonte das imagens dos sonhos. Cada psicólogo defende a sua tese com certa paixão. O defeito mais visível das várias teorias reside na unilateralidade com que encaram os pormenores, com desprezo do conjunto das coisas.

As imagens dos sonhos criadas pela nossa imaginação são simplesmente o desenvolvimento de recordações anteriores, de percepções de sensações realmente vividas. Se estas imagens aparecem complicadas, fundidas, sobrepostas, misturadas com outros elementos, a causa reside na falta de lógica, característica psicológica do sonhador. Porque é que nos sonhos há um encadeamento de imagens por vezes sem nexo?

Segundo Anatole France, o que vemos durante a noite não passa de vestígios do que vimos durante o dia, de factos desprezados na vigília.

A. Maury diz-nos que o sonho é o meio pelo qual o espírito nos revela a nossa miséria e a nossa nudez. O homem, desde que deixa de mandar em si, torna-se um joguete das suas paixões que a consciência, o sentido de honra e o receio nos defende durante a vigília.

Nos sonhos, além de recordarmos ideias concretas, também podemos exteriorizar pensamentos abstractos que traduzem, depois de analisados, um desejo oculto ou um receio que a nós próprios não agradaria confessar.

Sigmund Freud tirou todo o partido desta noção, cuja autenticidade é indiscutível. Mas certas sensações inconscientes não serão a consequência da deformação das imagens? Descartes picado por um insecto durante o sono julgou-se trespassado por uma espada. Se a botija que aquece os pés se abre e se verte, julgamos caminhar na neve ou patinar numa poça, porque a água fria nos gela os pés.

Artur Maury sentiu vontade de descansar de tarde, num dia em que o calor era insuportável. Mal caiu no sono sonhou que tinha a cabeça numa bigorna e lha martelavam. A cabeça desfazia-se em água em vez de quebrar. Quando acordou estava alagado em suor e

Lage

Doente — Já se encontra melhor o nosso estimado Pároco que há dias foi obrigado a recolher ao leito muito doente. Felizmente já se pode considerar livre de perigo e fazemos votos para que em breve volte aos seus trabalhos apostólicos com o mesmo zelo e dedicação que até aqui tem demonstrado pelos seus paroquianos.

Luz electrica — Por essas freguesias vizinhas tudo se movimenta para a instalação da luz eléctrica.

Formam-se comissões, e tudo dá a entender que em breve terão realizado o sonho de possuir luz eléctrica nas suas casas. Entretanto, nós aqui não sabemos o que nos vai acontecer.

Já temos projecto e tudo o mais há vários anos. Estaremos esquecidos?

ouviu bater um martelo numa bigorna.

Teoria do sonho, de Freud

Freud estudou os sonhos a partir da hipnose. Descobriu que os histéricos são sonâmbulos acordados.

Nas suas teorias diz-nos que as imagens do sonho não são acolhidas ao acaso mas demoradamente elaboradas e estudadas. Cada uma delas tem um fim que o sonhador quase sempre desconhece.

Diz-nos ele que no sonho há que distinguir:

1.º — O conteúdo latente constituído pelos pensamentos, desejos que, como vimos, forma a força activa do aparecimento das cenas oníricas;

2.º — O conteúdo das imagens complexas que desfilam perante a consciência; Já o Marquês de d'Hervey de Saint Dinis dizia em 1848 que os sonhos mais excêntricos chegam a ter uma explicação lógica quando convenientemente examinados.

Há quem afirme que se não sonhassemos dormiríamos melhor mas tal afirmação não é acertada, pois é no sonho que o espírito exerce a sua função reparadora. Qualquer desejo pode ser satisfeito durante o sono, pela evasão do sonho.

Conforme o afamado professor de Viena, há um maquinismo que elabora as imagens oníricas. Este tem dois aspectos:

1.º — O da condensação — que consiste no sonho tal como é e como se pode analisar, com todas as ideias e paixões;

2.º — O da transferência = mecanismo graças ao qual a carga afectiva, o sentimento que nos atrai para este ou aquele objecto, se prepara da finalidade que pretendia para se dirigir a uma accessória.

Os estudos de Freud foram continuados por outros psicólogos, fundamentados nas suas teorias.

A explanação das doutrinas de Freud dava lugar a longa dissertação que a escassés de tempo não permite. A elas vão cair todos os raciocínios e delas nasceu a Psicanálise tão usada nos tratamentos das enfermidades nervosas.

Pela psicanálise, na qual entra o minucioso estudo dos sonhos, é possível tomar o fio que nos conduz à explicação lógica dos sonhos mais extravagantes.

Braga 12-III-958

Vitor Nelson Pereira Cardoso

Uma boa iniciativa

(Continuação da 4.ª pág.)

então sente-se tentado a emigrar. A emigração é a fuga para a cidade e para o estrangeiro. E' o ideal de emancipação e grandeza. O lavrador nunca sai de «cepa torta», diz-se por toda a parte. E já se verifica, com apreensão, que os campos estão a ficar sem braços para o trabalho. Mas é do homem integrado na família, de que quero escrever, para dar início a esta página de Catequese e Acção Católica. O homem será o que for a família. Não se eleva a sociedade sem valorizar a família, por que «casa de pais, escola de filhos». Pouco conseguirá o Estado com as suas escolas e instituições, a Igreja com a sua catequese e obras católicas, se a família não estiver bem organizada, forte e prestigiada. A primeira e educação, quer civil quer religiosa, é a família. Basta considerar num grupo de crianças na catequese ou na escola. Logo se verifica a marca da família, impressa na face e na indole da criança. A catequese é a primeira escola de religião da Criança. A Acção Católica prolonga essa escola de vida religiosa e espiritual através de todo o tempo.

E' assunto importante e oportuno. E' a base e estrutura do edificio humano. A igreja entra, como Mestre e Mãe, a orientar com poder próprio e legitimo. As normas e leis da Igreja, terão que ser escrupulosamente seguidas.

Em tudo quanto escrever sobre este problema educacional e valorativo, me submeio às decisões da Igreja. Procurarei ser útil. Peço a colaboração de outros que, com conhecimento a fazer luz e despertar vontades esmorecidas. Esta trincheira é linha de combate e defesa.

Que todos considerem e se decidam.

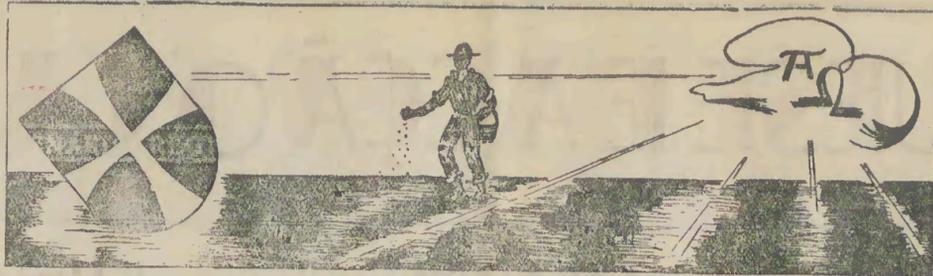
A obrigação moral é imperativo de consciência que não podemos postergar.

J. Azevedo

eterno, último fim para que fomos criados.

Prado, 28-3-58.

Gota D'orvalho



Cultura de milho híbridos

Comparados com as variedades tradicionais, designadas por «de polinização aberta», os milhos híbridos são caracterizados, no seu conjunto, por:

- uma produtividade superior, para igual duração do período vegetativo;
- maior homogeneidade das plantas, particularmente sensível no que se refere ao desenvolvimento vegetativo e ao número e nível de inserção das maçarocas por pé;
- maior aptidão para a cultura mecânica de terminada, sobretudo pelas características de homogeneidade e acima descritas, pelo mais reduzido de espigas cobrindo a espiga e pela maior resistência à acama.

Um híbrido é geralmente tanto mais produtivo quanto mais tardia é a sua maturação; haverá, portanto, vantagem em semear variedades cujo ciclo vegetativo coincide o mais completamente possível com o período natural da vegetação na localidade considerada.

Todos os terrenos, de uma maneira geral, se adaptam à cultura do milho, desde que sejam susceptíveis de uma rápida elevação de temperatura na Primavera e sujeitos a uma estrutura abundante. Considera-se como normal uma fertilização com estrume de curral, de 30 a 40 toneladas por hectare, completada por uma adubação mineral da ordem dos 30-40 quilos de azoto, 80-100 de ácido fosfórico e 80-100 quilos de potassa.

A sementeira deve ser feita em linhas (80 cm. x 30 cm.) ou ao covacho (tufos de 3 plantas a 80 cm. x 80 cm.), ou seja, com uma densidade de 4 a 5 plantas por metro quadrado.

A produção dos milhos híbridos baseia-se na «heterosis», a que corresponde um aumento de vigor dos híbridos em relação aos progenitores.

O híbrido provém do cruzamento da 4 formas puras obtidas por autofecundação forçada durante um curto período de tempo (6 anos, geralmente), unidas duas a duas para originar as sementes a cultivar.

Esquemáticamente, se designarmos por A, B, C, e D as quatro formas iniciais, o processo estabelece-se da seguinte forma:

O milho A cruza-se com B, para dar o AB.

O milho C cruza-se com D, para dar o CD.

AB e CD cruzam-se entre si, e originam o híbrido final.

A produtividade dos híbridos é elevada e as suas características apresentam um aspecto de homogeneidade, visto que se trata da 1.ª geração.

Por se tratar de híbridos cujos caracteres não se fixam nas gerações seguintes, torna-se necessário renovar todos os anos a semente.

Os factores climáticos que influenciam principal-

mente a adaptação dos milhos híbridos são:

- a pluviosidade;
- a insolação;
- a temperatura.

Quanto ao primeiro aspecto, são necessários, pelo menos, 600 mm. de chuva anual, para a cultura decorrer em condições satisfatórias.

Uma secura excessiva nos meses de Julho e Agosto prejudica a floração dos milhos híbridos, que carecem de cerca de 80 mm. durante este período.

Quanto à insolação são necessárias cerca de 1.500 horas de insolação para os milhos se desenvolverem em boas condições. Finalmente, pelo que diz respeito à temperatura, para os diversos grupos de precocidade, estabelecidos segundo a escola americana, a soma das temperaturas necessárias varia de 2.000 graus centígrados para um período vegetativo de 80 a 85 dias, e 2.600 graus para um período de 110 a 115 dias.

A sementeira deve ser efectuada quando o terreno atinge uma temperatura de 10 graus. É inconveniente semear quando o solo já se encontra excessivamente aquecido. A quantidade de semente a empregar por hectare devem ser de cerca de 25 quilos. As sementes devem ser desinfectadas com compostos organo-mercuriais.

Convém semear basto, para, posteriormente desbastar; a sementeira deve ser feita grão, a grão, sempre que possível.

A profundidade da sementeira deve ser de 3 a 5 centímetros.

Convém dar uma primeira sacha quando os pés tenham 10 a 12 centímetros; seguidamente, deve fazer-se um desbaste entre as linhas, deixando um pé de 25 em 25 ou de 28 em 28 centímetros, segundo as variedades. Não descer a menos de 50 a 60 mil pés por hectare, em terras boas, para as variedades precoces.

Momentos de bom humor

— Estiveste em casa do dentista?

— Estive, estive. Olha, mal imaginas o que me fez sofrer!... Duas horas com a boca aberta.

— Deixa lá, filha. Mais sofrerias com a boca fechada.

—o—

Um comerciante dá a provar aos amigos um vinho da sua lavra.

— Que tal lhes parece este vinho?

— Não é mau, mas já o tínhamos provado...

— Onde?!

— Na salada!

—o—

JUIZ — Então você abusou da confiança do seu patrão?

RÉU — Não, sr. Juiz. Não abusei, porque o meu patrão nunca teve confiança em mim.

PATRÃO — Lá isso é verdade

Decálogo do Produtor de Milho

- 1.º — Preparar bem o terreno.
- 2.º — Libertar o terreno dos parasitas.
- 3.º — Adubar abundantemente.
- 4.º — Semear quando as manhãs não sejam muito frias.
- 5.º — Escolher bem a variedade.
- 6.º — Cultivar de harmonia com as condições do terreno e as características da variedade.
- 7.º — Aplicar repetidamente azoto nítrico e amoniacal.
- 8.º — Sachar e redrar convenientemente.
- 9.º — Regar abundante e oportunamente.
- 10.º — Não o desfolhar nem desbandear antes de tempo.

Convém muito, preferer a agricultura

A agricultura é de todas as artes, a mais necessária, e também a mais lucrativa; sempre que o seu cultivo se efectua no seu devido tempo, e nas condições requeridas; dependentemente, das condições atmosféricas; sobre tudo das chuvas caídas, no tempo oportuno; pois, é sabido, que quando, estas circunstâncias acompanhando calor indispensável se não verificam, o ano, agrícola, é mau.

Quando, tal infortúnio acontece, os lavradores, ficam por vezes, arruinados; não colhendo, de todo o seu trabalho, nem o equivalente, às sementes que lançaram à terra. Nestas circunstâncias os poderes públicos, tem de intervir, com o socorro indispensável, pelo menos

perdoando os tributos da lavoura, durante o tempo que essa crise se prolongar, se, tal acontecer. Assim, acontece com os nossos Governos; pois se costuma dizer que onde o não há Elrei o perde. Ora, a agricultura é, nestes casos a reguladora do comércio; porque se este, por vezes, não aliviar os preços, diminuem as vendas e perde assim nos negócios. Compreende-se, assim, a necessidade que o Estado tem em aliviar os impostos, nos anos agrícolas, maus; não correndo assim para o alívio económico, dos proprietários agrícolas que muitas vezes não tem outros rendimentos senão o da lavoura. Ora, este equilíbrio, económico é muito necessário para a vida, dos povos que

tem de se sustentar, com os ganhos provenientes da agricultura; uns, como proprietários e rendeiros e outros como consumidores. É necessário, pois, que a agricultura seja protegida pelo Estado, para poder desenvolver-se e prosperar para o bem geral, de todos nós; Se assim acontecer a vida torna-se feliz.

Joaquim da Silva Godinho

Vende-se

uma partida de pinheiros = 368 = tendo alguns de 4.000 kg.
Quem pretender dirija-se a Casimiro de Macedo ou Joaquim da Silva da freguesia de Freiriz, lugar das Cerdeiras.

CASA DOS TERÇOS

DE
António Teixeira Fernandes
Rua Francisco Sanches, 85-89 BRAGA
Telefone, 2862

Casa especializada em terços nacionais e estrangeiros. Estampas para Comunhões, Missas Novas, Diplomas, etc. Estampas encalxilhadas de diferentes tamanhos; Crucifixos, pias de água benta, imagens de terra cota e todos os artigos para o Rev. Clero.

Livraria Religiosa e Artigos de Papelaria

IMPORTAÇÃO DIRECTA Descontos para revenda e ao Rev. Clero

UNIAO DOS ELECTRICISTAS DE BRAGA, L.DA
UNDEL
Instalações eléctricas de todo o género
TELEFONE { ESCRITÓRIO 2868
ARMAZÉM E OFIC. 2528
gramas UNDEL
Armazém, Oficinas e Escritório:
Rua Andrade Corvo, 38-40

DOÇARIA
LUZITANA
Rua Francisco Sanches, 119-127
Tel. 3300
e Jardim de Santa Bárbara
BRAGA
Sala de Chá
Todas as qualidades de doce
— Esmerado serviço de Casamentos e Festas de todas as espécies

(Continua na 4.ª página)

CASA CLARO
DE Paulo de Sousa Claro
Fábrica e depósito de velas de cera e artigos de apicultura
SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100
FILIAL — Rua Francisco Sanches
TELEFONE 2305 — BRAGA

Arcozelo

BITOS — No dia 1 morreu a S.ra Carmen Aballe, casada com o Sr. António de Lima, abastado proprietário desta fre-

guesia. Paz à sua alma. família as nossas condolências.

IGREJA — Dentro em breve começarão os trabalhos da última fase de acabamentos da nova Igreja.

Conhece Coimbra?

Continuação da 1.ª pág.

Realmente conhecer isto é já conhecer muito - o que mais atrai o turista àquela lindíssima cidade; aquilo que mais ouviu falar, que é de facto de maior valia para a maioria das pessoas, mas só isto é deixar uma grande lacuna por conhecer—os jardins de Coimbra. — Jardins com calendário!

O Jardim da Sereia, os da Portagem e o do Parque não são de Coimbra?

São. Então procuremos conhecê-los.

No reconfortante Jardim da Sereia, vive-se com quase monástico recolhimento, profundas meditações ou para estudar livre de todo o bulício da cidade e respirar ar puro.

Quem vier de Lisboa, ao chegar ao Vale do Inferno, avista Coimbra lá em baixo, da outra banda do Mondego. Desce uma pequena rampa que o leva até ao celeberrimo Choupal. Tem a cidade na frente. Aparece-lhe muitor e em forma de anfiteatro, com a Torre da Universidade no topo, saído do meio do casario, em forma de crista duma colina, ferindo as nuvens brancas que se arrastam no firmamento. Atravessa a magestosa ponte de Santa Clara, passando para a outra margem do rio e entra de facto na «Lusa Atenas», imponente e altiva a mirar-se no Mondego. — Tem a portagem logo à entrada. É se reparar bem, deparará aí com um lindo e muito original cauteiro, que tem como impresso um calendário: marca os dias, o mês e o ano, também como qualquer outro dá parede ou de secretária.

O calendário para que se mantenha sempre actualizado, o jardineiro encarregado dessa missão, muda-lhe todos os dias os algarismos correspondentes aos dias ou o nome dos meses que vão decorrendo, que ficam como impressos no canteiro relvado e bem ajardinado, sem ficar o menor vestígio dessa operação.

É belo e originalíssimo esse calendário, que no género deve ser o único existente em Portugal.

O jardim do Parque, também plantado junto do Mondego, é lindíssimo. É aí que se realizam as Verbenas

das festas da Rainha Santa e as da Queima das Fitas. Está recheado de belos canteiros ajardinados com muita arte e bom gosto, que são o orgulho da cidade e a delícia de quem os visita. Em muitos deles estão desenhados os distintivos mais representativos da cidade, que são: O Brasão da Cidade, das Faculdades, da Associação Académica e o da Praxe, que muito valorizam aquele encantador parque, quer pela perfeição do desenho, quer pelo enquadramento os respectivos canteiros. São sem dúvida maravilhosos e quem lhes tirar algumas fotografias ficará com as melhores recordações da cidade da Rainha Santa.

Que pena, senhor turista, ter debandado tão cedo de Coimbra! Volte lá mais uma vez e admire bem os seus jardins, que ficará encantado.

Primavera de 1958

Alves de Araújo

Bcalhosa

(P. do Lima)

Óbito — Faleceu nesta freguesia, o bondoso e abastado proprietário, Francisco José Gonçalves, de 67 anos, casado com D. Rosa da Costa Quinteiro, pai de Abílio Quinteiro Gonçalves e D. Glória da Costa Gonçalves e sogro de Januário da Rocha Oliveira, ilustre escritor do Liceu de Viana do Castelo e nosso prezado assinante. Ao meio dia do Domingo de Páscoa, deu-se este infauso acontecimento que, apesar de ser esperado devido a doença terrível e que não perdoa, causou a maior consternação. Era pessoa muito estimada pelas suas qualidades. Deixa muitas saudades na família que muito o amava e em todos os vizinhos. Choraram-no sobretudo os pobres de quem era benfeitor. Bom cristão, amava a sua terra e a sua igreja de quem foi benemérito. O funeral, realizado no dia 8, teve larga representação de diversas terras. Paz à sua alma. O «Vilaverdense» apresenta condolências à família, especialmente ao nosso amigo Januário. — C.

CATEQUESE E ACCÇÃO CATÓLICA

Viático

Já lá vão os tempos, em que o homem crente, acorria pressuroso ao chamamento urgente dos sinos, para a saída do Sagrado Viático. Nos meus tempos de criança, quando os sinos anunciavam a saída do Senhor, e, convidavam os fieis ao seu acompanhamento, era consolador ver a urgência que todos tinham em serem os primeiros a chegar à Igreja.

Os homens marcavam presença. Lá ia o «Divino Médico» curar e salvar uma alma. Ia levar o último abraço na terra, ao seu servo agonizante, lenitivo para a viagem eterna, consolação ao seu sofrimento, e, dizer-lhe talvez as doces palavras... «Hoje mesmo estarei contigo no paraíso»...

Era belo ver a composição, o respeito, com que era recebido nos caminhos o «Divino Caminhante». O homem, joelhos em terra, talvez sobre a lama, fronte curvada, rendia vassalagem ao verdadeiro «Rei e Senhor» que passava. — Nos campos, paralizavam os trabalhos, de joelhos em terra, o chefe de família pedia ao «Senhor da Seara» que abençoasse o seu trabalho. Mais além, eram crianças que, juncavam de flores o caminho por onde devia passar «O amigo das criancinhas». Mais ao largo, talvez invisíveis, eram grupos de trabalhadores, que

se mantinham em respeito, porque, a campanha mais altaneira, anunciava que próximo passava, o «Deus da Misericórdia e da Justiça» e assim caminhava entre cânticos do Bendito e preitos de amor e vassalagem, o Divino Médico e Consolador dos aflitos.

Recordo-me de, quando criança, a altas horas da noite e debaixo de pleno inverno, a freguesia fóra acordada, pelo augustoso chamamento do sino de que o «Divino Médico» iria abandonar o seu trono do Sacrário para ir levar o último abraço, ao servo fiel que breve partiria. Os homens, como que electrificados por uma chama de incêndio «pois de incêndio de amor se tratava» acorriam de todas as direcções, atrapalhadamente abotoando-se pelo caminho, cabelos em desalinho, mal abafados, enfim, um desejo havia, de chegar já e depressa à Igreja, e assim desafiando a inclemência do tempo, cantando o Bendito, seguia o triunfante e nobre cortejo nocturno. As casas iluminavam-se com velas bentas, à passagem da verdadeira Luz que passava. Era assim naqueles tempos o Sagrado Viático.

Hoje tudo é diferente. O homem envergonha-se de tomar parte no cortejo, evita encontrar-se no caminho com o Senhor, e se o encon-

Foi assim ..

I Em Lurdes

Foi numa altura de ambiente sombrio e de inteligências espiritualmente enregeladas, que o céu se manifestou em Lurdes, pequena cidade cheia de lendas e tradições, de belezas e encantos naturais.

Ainda se não tinham calado os ecos da Revolução Francesa — «Liberdade, Fraternidade e Igualdade» — aprovados e promulga-

tra, tira o chapéu de aborrecido, mas não desce do veículo, não ajoelha. Se está à porta esconde-se, não deseja ser visto. Se está em conversa, tira por que tira o chapéu, mas continua conversando, nada ligando de importância ao Deus e Senhor, Soberano e Juiz, que junto de si passa e tudo vê. Além destas irreverências, detestam, aborrecem o Viático como se Jesus não fôsse o Deus e Senhor de tudo. Existem também aqueles que não querem que o Senhor vá a sua casa acompanhado pelos seus filhos. Só sim, só, escondido, calado, desconhecido, desprezado e aborrecido. Somos cristãos? Somos filhos de Deus? Sim, só de nome!!!

Perdoai-nos Senhor.
L. R.

dos na Constituição de 1791. Desenfreada liberdade, que encheu as cadeias de assassinos e inocentes; desmedida igualdade, que levou ao abatimento até dos próprios amigos para se apossar à vontade das rédeas do poder; e fraternidade ferina, que tingiu as ruas e as calçadas, com tanto sangue inocente, derramado culpavelmente.

São sempre assim a liberdade e a fraternidade, quando emancipadas dos olhares de Deus e entregues a si mesmas.

As malfetoras ideias dos enciclopedistas D'Alembert, Diderot e Voltaire, campeavam por toda a parte nas inteligências dos «livres pensadores».

Jean Jacques Rousseau tinha ensinado que o homem era, por nascimento, intrinsecamente bom, mas era a sociedade que o tornava mau e o acorrentava; por isso destruíam-se as bases desta sociedade, e ao indivíduo dê-se-lhe a máxima liberdade. Era o naturalismo, o socialismo e o liberalismo.

Apegadas a estas malfetoras heresias outras igualmente perniciosas se lhes seguiram. Só no espaço de dez anos, desde 1850-1860, obras de vultos de valor, mas plenamente materialistas, saíam a ferver dos prelos. Eram de Stuart Mill, de C. Marx, de Darwin e de outros corifeus do ateis-

Uma boa iniciativa

Mais uma iniciativa a desportar no «Vilaverdense» que deseja ser útil. Esta

mo e do materialismo ho-

dierno. Foi por esta ocasião que o russo Herzen, refugiado na Inglaterra, lançava a ideia, infelizmente produtiva, de que o seu país seria o melhor campo para se lançarem as sementes da nova doutrina então em voga. Sementes que, com efeito, ganharam raízes fecundas, e frutificaram abundantemente.

Foi nesta altura, em que o homem respirava orgulho por todos os poros, e falar de Deus era um crime de lesa-civilização, que a Senhora apareceu à pequenita Bernardette, ao pé de uma humilde, apagada e pequena cidade aninhada no sopé dos Pirineus, caiados deneve, com vales tapetados de verdura fresca e ridente.

Veio lá dos céus a Senhora para nos pedir penitência e oração; para dizer ao homem orgulhoso que só Ela fora concebida sem mácula do pecado original, para testemunhar a infalibilidade do Magistério da Igreja, que em Dezembro de 1854 se tinha pronunciado a seu respeito, definindo solenemente a Sua Imaculada Conceição.

A. Oliveira de Sousa

utilidade resulta da colaboração e compreensão mútua do escritor e do leitor.

Sacrifício duplo, assim: de quem escreve, pensa, estuda e de quem lê atentamente, procurando entender para realizar. Pretende-se valorizar o homem do campo, o lavrador, tornando-o um ser esclarecido, consciente, livre e bom. Mas é urgente começar pelo princípio: querer é poder. O meio agrário está atrasado e muito. O lavrador sente-se diminuído e sem valor. Não confia em si e descrê. A lavoura é considerada uma profissão baixa, abandonada, de quem nada vale. O homem já não reage para se elevar no seu meio e

(Continua na página)



O melhor café e o
A Brasileira
DE
Mário Joaquim de Queirós & C.
TELEFONE 2104
BRAGA

Outro Vinculo desvinculado

(Notas e apontamentos)

A mais duma linha, na direcção — norte-sul — que vai da igreja de Escariz, S. Martinho à de Parada, ambas bem destacadas e altas, fica situada a de S. Mamede, escondida no meio de frondosas oliveiras e como que envergonhada da sua decadência. Disfrutou e possuiu opulento património que lhe foi arrebatado, ficando nas mais precárias circunstâncias. Esse esbulho não foi benéfico para ninguém. O facto, bastante vulgar, eloquentemente conforma a tão conhecida sentença popular!

Certamente, por imposição topográfica, foi implantada em direcção contrária à tradicional, isto é, com a porta principal voltada ao oriente. Ligada à sua nave, do lado do evangelho, um pouco abaixo do arco cruzeiro, está a Capela de Nossa Senhora das Neves, a qual abre também por um arco.

Dentro da mesma encontra-se uma lápide de pedra, bem trabalhada, emoldurada por uma espécie de corda, com a seguinte inscrição: «jm. Doliveira. Cavaleiro de Cri. Noso Sñr. e Margarida Piz. minh. molher mādamos faze. hesta Capela. da Snora. das Neves.

Pede ao Sn Vigitador. cado vigitar. esta igreja vig. git. esta Capela. cõ. forme a hñ Estatuto.

q. tenho. feito q. esta. no Livro desta igreja e houtro.

e poder do Ministrador. e a nota, está no hofício de Bastiam. da Rocha. Tabaliã na vila de Prado. e o Ministrador pagara. ao Sn. Vigitador.

e quada ù ano. dõs capõs. por seu trabalho. 1.5.6.7 años.»

A inscrição está esculpida em maiúsculas, com algumas inclusas e bastantes pontos. Para maior clareza desdobrei as inclusas e cõpletando as abreviaturas, a leitura deve ser como segue:

«João de Oliveira, cavaleiro de Cristo Senhor e Margarida Pires, minha mulher, mandamos fazer esta Capela da Sanhora das Neves.

Pedem ao Senhor Visitador quando visitar esta igreja, visite esta Capela, conforme um Estatuto que tenho feito que está no Livro desta igreja, e outro em poder do Administrador, e a nota está no Ofício de Bastião da Rocha, Tabalião na vila de Prado, e o Administrador pagará ao Senhor Visitador, em cada um ano, dois capões, por seu trabalho. 1567 años.»

Como é sabido, a primitiva igreja, talvez românica estava situada, à distância de cerca de tresentos metros para nascente, em plena veiga, junto da margem do ribeiro, denominado — *Puriço*. Portanto a Capela primeiramente foi lá instalada, na data que foi insti-

tuido o Morgadio. Por causa do local ser muito alar gadiço e humido, e a igreja estar a ameaçar ruína, na visita de 23 de Novembro de 4706, o Arcebispo — D. Rodrigo de Moura Teles ordenou a mudança da mesma para o sitio onde se encontra. Foi efectuada com graves dificuldades e ameaças nos anos de 1717 e 1718. À Capela teve de acompanhar a igreja. O Dr. João de Sousa Lima, Cónego Mestre Escola na Sé de Braga, na visita que fez a S. Mamede, em 23-7-1718, exarou, no Livro respectivo, este Capitulo: «Como também abisarã ao Administrador da Capella de N.ª Sr.ª das Neves p.ª q. faça fazer a Capella dentro no d.º tr.º de tres meses sob pena de Exc.ªm Mayor ipso facto, e tambem o abise p.ª q. mostre perante mim a Instituição da d.º Capella e certidão das missas q. tem obrigação mandar dizer do d.º Capella sob a d.º pena.» A primitiva designação do Vinculo parece ter sido «Morgadio e Capella de Oliveiras», depois «da Barrosa».

Quais eram as suas obrigações?

O abade João de Sousa Afonso e Abreu (1837-1846), natural de Sandeães, aqui falecido com 80 anos, verificou que maliciosamente alguém tinha rasgado, do respectivo livro, a folha dos legados. Se lhe dá o diabo para queimar o livro, poderia tê-lo feito. Então o dito abade tratou de reconstituir a lista de todos os Legados e Capelas.

Daf consta quais eram os encargos da Capela da Senhora das Neves. Esse

apontamento reza assim: «João de Oliveira e sua mulher Margarida Pires fizeram huma Capella de huma missa semanária, e mais huma cantada e tres resadas, e preparar o altar de N.ª Senhora das Neves de tudo, e a alampada acesa emquanto se disserem as missas, com suas tochas acesas e candeias, e huma obrada ao Rev.º Párocho, de carne, ou peixe. O Título está no Moano de Prado, na Provedoria de Viana. A que hé obrigado Ignácio Correia de Oliveira Barros de Almada. Tem satisfeito até o anno de 1794, segundo o Rol da Santa Casa. Hoje é a Morgada Dona Francisca assistente na Codesoza.

Advirto que a Cópia destes Legados foi por mim tirada da mesma que veio do Provedor. Porem o Padre Capelão ex-frade da Casa da Codesoza, no dia 12 de Maio de 1839, para exigir certidão minha em como estava satisfeito da Offerta que pertence ao Parocho desta Ig.ª me apresentou a Instituição e nella diz. Que a offerta que naquella dia pertence ao Párocho hé de carne, ou peixe, conforme os tempos e pão e vinho. Por isso esta declaração para em todo o tempo constar a meus successores. S. Mamede de Escariz, 12 de Maio de 1839 e nove.»

Até quando se conservou o Morgadio intacto e foram cumpridas as obrigações constanções da sua instituição, não sei dizê-lo. Pelo menos, após a publicação da lei de 19.5.1863 (extinção dos vinculos), se considerou extinto e certa-

mente nunca mais se cumpriram os legados. Agora vamos fazer um pouco de análise á referida lápide.

O instituidor deste Vinculo e Morgadio foi João de Oliveira, Cavaleiro da Ordem de Cristo. Quem era este Senhor Oliveira? Devem dizê-lo os Nobiliários. No tempo do Abade João de Teive Sotto Mayor, o visitador — Dr. Manuel Falcão Cotta, fidalgo da Casa de S. M. e Cónego Mestre-Escola na Sé Braga, em 7.11. 1704, visitou a Capela de que era administrador um terceiro, ou quarto neto daquele — Estevão de Oliveira. No respectivo capitulo recomendou que ao fazer-se a mudança «será obrigado a por a pedra com seu lileiro q de Presente está na mesma Capella.» O sublinhado é meu.

Depois dos Oliveiras, aparece-nos a successão na pessoa de Manuel António de Almada Portocarreiro, Fidalgo e Professo na Ordem de Cristo, Morgado da Barrosa, assistente na freguesia de Refontoura, em 1759.

Como acima ficou escrito, em 1794, estava em o Morgadio Ignácio Correia de Oliveira Barros de Almada.

A titular da Capela era Nossa Senhora das Neves. Já tenho encontrado, noutras freguesias, como uma das mais antigas, esta devoção à Senhora das Neves. No mais antigo Calendário Bracarense, do Breviário do Cónego Soeiro, li se encontra mencionado, no respectivo dia, a festa de «Sancte Marie de Nives». Mons. A. Ferreira diz que «a festa de N. Senhora das Neves, a 5

de Agosto, era já vulgar no sec.º XIV.

O Senhor Cónego Barreiros afirma que esta solemnidade, adoptada pelo Rito Bracarense nos meados do sec. XV, «já era celebrada no sec. XIII na vetusta Cathedral de Braga».

Nesta igreja era festejada, pelo menos, desde 1567, e talvez fosse esta a primeira e única. Dentro da dita Capela também era venerada a imagem de «Santiago» que emigrou para destino desconhecido. Iria em perseguição dos mouros modernos que andavam a rondar esta tebaida, na mira de lhe usurpar os bens!...

Qual a razão da presença do São Tiago?

Certamente por ser o Padroeiro da freguesia onde estava situado o Solar da Família — a Codesosa —, em Arcozelo.

Note-se a recomendação, que ficou exarada, para os visitantes fiscalizarem o cumprimento do Legado. Por esse trabalho deviam receber, em cada ano, dois capões. Bem bom. Não obstante, esta recomendação, verifica-se pelos capitulos das visitações que havia graves desleixos e faltas da parte dos administradores, por vezes, nada escrupulosos! Lemos na lápide «vigitar» e «vigitar».

É curioso que ainda hoje — os naturais dizem e pronunciam «vigitar» e «veigita», em vez de visitar e visita. Alguma maldição caiu sobre este e outros vinculos dos mesmos titulares que tem mudado de possuidores e parece continuar debaixo do mesmo anátema.

S.